

# **Educação — Compromisso com a Verdade e a Vida**

## **Um desafio atual e permanente para todos\***

**Günter K. F. Wehrmann**

### **Observações preliminares**

1 — Antes de mais nada, quero expressar minha alegria e gratidão pelo fato de que a nossa Igreja lançou como tema do ano de 1985, o assunto da educação. Pois lembro-me que já em 1982, quando, no âmbito da RE IV, estudávamos o tema “Terra de Deus — Terra para Todos”, presbíteros apontaram para a necessidade de nos ocuparmos seriamente com o assunto da educação. Os presbíteros constataram que o uso e o abuso da terra e a injusta distribuição da mesma, bem como os problemas relativos à moradia, salário, saúde, têm a ver com o sistema educacional vigente no país.

2 — O tema “Educação — Compromisso com a Verdade e a Vida” diz respeito à criança e ao idoso, ao jovem e ao adulto, à mulher e ao homem, à dona de casa e ao artesão, ao empregador e ao empregado, ao cidadão comum e ao governante, ao leitor de jornal ou telespectador e ao jornalista, ao aluno ou estudante e ao professor, ao membro da comunidade e ao catequista ou pastor. Pois a vida de cada pessoa é um constante processo de aprendizagem em que a gente está sendo ensinado e educado e, ao

---

\* O presente artigo é uma adaptação de minha preleção inaugural para a docência em Teologia Prática na Escola Superior de Teologia (EST) da IECLB, proferida, em 16 de maio de 1985, sobre o tema do ano da IECLB — 1985: “EDUCAÇÃO — COMPROMISSO COM A VERDADE E A VIDA”. Na ocasião, eu objetivava facilitar que a EST se integrasse na caminhada das comunidades da IECLB. Penso que o assunto da educação é um desafio atual e permanente que nos deve acompanhar sempre e ser relacionado com qualquer tema do ano que a Igreja possa lançar. Nesse sentido, apelo para a sensibilidade e criatividade dos leitores.

mesmo tempo, está exercendo o papel de educador. De fato, o tema da educação abrange todas as esferas e faixas etárias da existência humana.

3 — A educação acontece tanto no nível individual quanto no social. Entre ambos os níveis existe uma relação recíproca. Este processo educativo é influenciado por tudo aquilo que determina a vida: a história individual de uma pessoa, suas experiências bem como a história do povo se refletem nesse processo. Igualmente o meio (geográfico, climático, cultural, político e religioso) influencia o processo educacional. Portanto, a educação acontece na e pela família, na e pela escola, sociedade, comunidade religiosa e, não por último, nos e pelos meios de comunicação, na propaganda e na política.

4 — A pergunta pelos objetivos, critérios e interesses que norteiam a educação ou deveriam nortear a mesma, gera discussão e luta. Educação — para que fim, com que interesse, com que objetivo? Educação para a vida? Que tipo de vida? Vida para quem? Educação para manter a ordem sócio-política vigente? Educação para a paz e justiça? Paz e justiça baseadas em quê — na lei da força e do poderio bélico?

Tais perguntas certamente bastam para percebermos que a pergunta pela qualidade e intencionalidade da educação gera conflitos. Estes, em última análise, levam à confrontação, à polarização entre verdade e mentira, vida e morte. Esta luta acontece tanto a nível individual entre duas pessoas quanto a nível coletivo entre grupos e povos.

Os efeitos e resultados que se manifestam nesse processo revelam **quê tipo** de educação estamos promovendo e sofrendo. A avaliação dessa realidade ainda depende dos óculos com os quais enfocamos a mesma. Cristãos procuram enxergar a realidade com “os óculos da fé”, com olhos iluminados pelo Evangelho. A partir desse olhar e avaliar a realidade concreta, podemos verificar e julgar, se a educação promove vida ou morte, verdade ou mentira, ou se a educação, de fato, está comprometida com a Verdade e a Vida.

5 — Agora já sentimos como o tema é amplo, complexo e desafiador. Devido ao pouco tempo disponível neste momento e as minhas próprias limitações, não me é possível apresentar uma abordagem mais completa e arredondada do tema. Isso até seria

uma tentativa bastante arrogante e antipedagógica. Afinal, cada um dos leitores também tem a sua própria vivência e experiência educacional com as quais poderá contribuir nessa reflexão. Por isso, eu preferiria muito mais introduzir o assunto para que, então, em grupos e em plenário, nos aprofundássemos no tema. Assim, em conjunto, buscaríamos por pistas que levam à transformação da realidade. Já que nesse momento isso não é possível, convido os leitores para me acompanharem nos seguintes três passos:

- 1 — Ver, com os olhos de cristão, alguns aspectos da realidade sócio-educacional.
- 2 — Confrontar essa realidade com aquilo que Deus nos diz sobre o assunto, consultando algumas passagens bíblicas.
- 3 — Vislumbrar algumas pistas de ação, para que surjam sinais concretos de uma educação comprometida com a Verdade e a Vida.

Em cada passo procurarei enfocar apenas alguns aspectos que nos querem estimular para ampliar, aprofundar e, quem sabe, corrigir a nossa caminhada na busca pela educação comprometida com a Verdade e a Vida.

### **Primeiro passo:**

- 1 — VER, COM OS OLHOS DE CRISTÃO, ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE SÓCIO — EDUCACIONAL.

#### **1.1 — O cristão escuta a Deus e vê e escuta o clamor do mundo.**

Creemos no Deus que **vê** a aflição de seu povo escravizado e oprimido e **ouve** seu clamor por libertação e vida (lembro p.ex. Êx 3.7).

Creemos em Jesus Cristo, Filho de Deus, que **vê** as multidões aflitas e exaustas que são como ovelhas sem pastor (Mt 9.36). Creemos em Jesus Cristo que, por causa de Deus, se compadece e promove vida boa para todos, principalmente para os que menos a têm.

E cremos no Espírito Santo que nos faz **ver** a realidade de engano, de não-vida e de busca por vida boa, com sentido e esperança (lembro p.ex. a atitude de Paulo em Atenas, At 17.23).

Se nós cristãos queremos propagar e ensaiar uma educação comprometida com a Verdade e a Vida, antes de mais nada, importa **ver a realidade concreta** em que vivemos. Importa **ver** o sistema social e educacional e escutar ao clamor das multidões afli-

tas e exaustas. Ao mesmo tempo, cabe a nós **ver e escutar** o que Deus nos tem a dizer diante dessa realidade. Isso faremos no segundo passo. Porém, já antecipo que o 1º e o 2º passo formam uma unidade inseparável com vistas à ação transformadora. Caso contrário, seríamos como alguém querendo caminhar com uma perna só. Permitam-me ilustrá-lo: se alguém só vê a miséria e escuta somente ao clamor do mundo — sem escutar a Deus — ele não tem critérios adequados para ver, julgar e agir neste mundo. Ele não consegue caminhar direito. Pulará numa perna só e, em seguida, perderá o fôlego.

Por outro lado, se alguém somente lê a Bíblia querendo escutar a Deus, **sem** ver as multidões aflitas e **sem** ouvir seu clamor por vida, ele não fica sabendo o que Deus quer hoje em nossa realidade concreta. Fica sonhando no vazio, em vez de testemunhar a vontade de Deus neste mundo que ele tanto ama. Tal pessoa estará pulando sobre a outra perna, mas igualmente numa só. Por isso acabará perdendo o fôlego e também não conseguirá caminhar direito. Em ambos os casos não mais faríamos parte dos “que são do caminho”. Aliás, que nome significativo que se deu aos primeiros cristãos: “os do caminho” (At 9.2). Por isso, cristãos são aqueles que caminham com as duas pernas, ou seja, escutam a Deus e escutam ao clamor do mundo, ligam fé com a vida concreta.

Vejamos, pois, alguns aspectos da realidade sócio-educacional: Joelmir Betting mostrou, de maneira convincente, que há uma interdependência entre a realidade educacional e a realidade social, quando afirma<sup>(1)</sup>: “O importante é lembrar que, se a escola dá acesso à renda, só a renda pode dar acesso à escola... Sem um mínimo de peixe não há como empunhar com mão firme ‘a vara de pescar’... A verdadeira vara de pescar não estaria na **escola**. Estaria antes, na **saúde**, e antes da saúde na **alimentação**. Uma criança bem nutrida empunhará melhor a vara de pescar do que uma criança desnutrida, já fisicamente danificada e mentalmente enferrujada. A alimentação adequada (nutrição) recoloca a questão na estaca zero: a da renda individual ou familiar.”

Há mais um aspecto. É quase lugar comum dizer: “Não convém dar o peixe ao faminto, mas importa ensinar a pescar”. Po-

---

(1) Apud Paulo Augusto C. de Moraes. O Funil do Ensino Formal. In: **Boletim da Visão Mundial**; Ano IV, n.2; Belo Horizonte, abril 1984, p. 3.

rém, o que adianta ensinar a pescar, se o pescador não pode comer o peixe?

Por isso lembremos primeiramente...

## 1.2 — Alguns dados sobre a realidade social:

Ricardo Wangen nos desafia a **ver** a 'Pirâmide da desgraça no Brasil'(2):

- 1% da população brasileira é de riquíssimos;
- 4% da população brasileira são de ricos;
- 15% da população brasileira são de remediados;
- 30% da população brasileira são de pobres e
- 50% da população brasileira são de miseráveis.

Conforme a revista ISTO É(3), "menos que a metade da população brasileira (48%) come satisfatoriamente... De cada mil crianças que nascem vivas, 82 morrem antes de um ano de vida, e a causa direta ou indireta é a desnutrição (a fome)."

A grande maioria dos trabalhadores não ganha salário condigno, para poder comprar alimentos suficientes e necessários. De fato, muitos pescadores brasileiros não podem comer do peixe que pescaram! Que futuro tem um povo, cuja metade é sub ou desnutrida? O cérebro de tais pessoas é menor. Por isso, elas não têm as mesmas condições que as pessoas bem alimentadas, para estudar, reagir ou resistir. Além disso, a subnutrição permanente causa a deficiência de estatura das pessoas ("nanismo"). Este já atinge 3,5 milhões, ou seja, 69% da população infantil do Nordeste(4).

Ainda poderíamos falar dos 12 milhões de deficientes que já temos no Brasil; desses nada menos que 60% (8 milhões) são crianças. (conforme TV Manchete, de 12.10.84).

Por que toda essa miséria? Será que faltam recursos para alimentar bem a nossa população e cuidar bem de sua saúde?

Segundo o IBASE(5), o Brasil possui "370 milhões de hectares aproveitáveis para lavoura, dos quais apenas 50 milhões efeti-

(2) Citado conforme o folheto, **Jejum de Natal 1983**, de Ricardo Wangen.

(3) Cf. **Revista ISTO É**, de 14/9/83, p. 36ss.

(4) Apud Herbert Souza. **Nordeste: Seca, Fome, Miséria**. Estudo realizado no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas — IBASE (polígrafo). Rio de Janeiro, 1984, p. 8.

(5) *Ibid.* p. 3.

vamente produzem. Isto porque mais de 70% de toda a área aproveitável consiste em latifúndios. Seus proprietários têm a liberdade de manter improdutivas a maior parte das suas terras, enquanto milhares de crianças morrem de fome por dia!”

Mesmo assim, ainda há pessoas que com o dúbio orgulho afirmam: “Se o brasileiro trabalhasse mais, não haveria tanta pobreza”. Mas convenhamos! O trabalhador brasileiro tem uma das maiores jornadas de trabalho — 48 horas semanais. Acrescentem-se a isso inúmeras horas de serão e biscate. Este simples fato desmascara a ideologia dominante. Como se vê, o brasileiro está se esforçando na pesca. O problema é que a grande maioria do povo não pode comer do peixe que pescou. Pois, uma política salarial, ao longo de alguns decênios, foi explorando a mão-de-obra barata. Esta política foi comandada e imposta por grandes bancos, grandes empresas nacionais e multinacionais e o “todo poderoso” FMI. Neste sistema, alguns poucos trabalhadores são bem ou muito bem pagos para servirem aos interesses dos grandes. O interesse deles é o próprio lucro e manter “em ordem” todo esse sistema de dependência e exploração.

Encerrando esta parte da análise da realidade social, compartilho o triste destino de João Francisco Filho: “Ele era lavrador em São João da Tapera, no sertão das Alagoas. Há um ano, sem terra e sem sustento para si e para sua família, buscou trabalho numa frente de emergência, aberta pela SUDENE. Em janeiro deste ano (1984), o miserável salário de Cr\$ 15.300, pago aos frentistas pelo Governo Federal com fundos do FINSOCIAL, não chegou. Em fevereiro, também não. A mulher e os filhos famintos,... João Francisco desesperou. Matou-os a facadas para não mais vê-los sofrer e, em seguida, cortou seus próprios órgãos genitais e afundou o facão no ventre”<sup>(6)</sup>...

### **1.3 — Alguns dados sobre a realidade educacional:**

Apesar de tantos anos de Mobral, 30,85% da população ainda são analfabetos. Ninguém pense que a situação tenha melhorado essencialmente. Pois, conforme Visão Mundial, o próprio MEC previu a evasão escolar para os anos de 80, como segue: Em 1979 apenas 59,5% das crianças na respectiva idade freqüentavam a 1ª série do 1º grau (40,5% já estavam sem escola!). Na me-

---

(6) Ibid. p. 7.

dida em que se passam os anos, o número de crianças que não consegue acompanhar o estudo vai aumentando. Até o fim da 8ª série chegarão apenas 16,8% (83,2% dos jovens estarão sem escola!). Apenas 12,2% dos jovens terão condições de concluir o 2º grau (então 87,8%, estarão sem escola!). Naturalmente, em relação ao 3º grau, o quadro piora mais ainda<sup>(7)</sup>.

Parece que a educação escolar no Brasil não é para todos, apesar de o Brasil ter assinado a Declaração dos Direitos Humanos<sup>(8)</sup>. Escola parece ser, de fato, um privilégio de alguns poucos. Os recursos financeiros previstos no orçamento da União para Educação reforçam esta suspeita: Em 1985 eram 4,03%<sup>(9)</sup>. Nos últimos anos era praxe destinar a maior parte dessa verba para a educação universitária. Queira Deus que daqui em diante essa verba seja aumentada e distribuída responsabilmente, para que os alunos do 1º grau sejam considerados de maneira mais justa. Da mesma forma, os professores do 1º grau, principalmente os municipais e estaduais no interior e em especial no Nordeste, devem ganhar salários condignos. Pois até agora ganham salários tão baixos que até é vergonhoso mencionar a quantia<sup>(10)</sup>.

Realmente, a realidade sócio-educacional é desesperadora. Parece que ainda vivemos no século XVIII, quando Bernard de Mandeville escrevia: "A fim de conseguir, mesmo em circunstâncias difíceis, uma sociedade harmônica e um povo dócil, nada melhor do que um grande número de analfabetos e pobres; os conhecimentos alargam e multiplicam os desejos, e quanto menos coisas uma pessoa desejar, mais fácil lhe será obtê-los"<sup>(11)</sup>.

É de se suspeitar quando ouvimos sempre os mesmos argumentos: "As Secretarias Municipais e Estaduais de Educação e o Ministério de Educação e Cultura, lamentavelmente, não dispõem de maiores recursos". Porém, para outras coisas grandiosas que beneficiam a poucos e principalmente para fins militares gastam-

(7) Esses dados baseiam-se em Paulo Augusto C. Moraes, op. cit., p. 3.

(8) O Artigo 26 da Declaração dos Direitos Humanos assegura que cada pessoa "tem o direito à instrução".

(9) Cf. ap. Dorival Fleck. Crise na Educação — Por quê? In: **Revista do CEM**, Ano VII, n.2, São Leopoldo, 1985, p. 11.

(10) Cf Herbert Souza. Op. cit. Os professores rurais do Nordeste brasileiro ganharam, em março de 1984, apenas Cr\$ 15.300.

(11) Apud Pedrinho Guareschi. Educação e Indústria Cultural a serviço do poder. In: **Revista do CEM**, Ano VII, n.2, São Leopoldo, 1985, p. 14.

se, no mundo inteiro, rios de dinheiro. É grotesco que em termos proporcionais os países do Terceiro Mundo gastam mais em armamentos do que em saúde e educação. O Brasil, por exemplo, já é campeão do Terceiro Mundo em termos de exportação de armas. Parece que a idéia da antiga Roma de "quem quer a paz, deve preparar-se para a guerra" ainda é vendida e aceita como verdade. Porém, a história desmascarou essa idéia como mentira. Pois, armas sempre foram fabricadas e usadas para matar. As armas nucleares de hoje já matam, sem serem usadas. Elas custam somas astronômicas. Esse dinheiro deixa de ser aplicado no suprimento das necessidades básicas da maior parte da população mundial, em especial dos povos do Terceiro Mundo.

Será que é exagero, mentira ou difamação quando agora concluímos afirmando que o nosso sistema sócio-educacional promove, em grande escala, a mentira, a não-vida, a morte?

#### 1.4 — Reflexos na Igreja

A Igreja não é deste velho mundo que promove a mentira e a morte. Ela é do novo mundo de Deus que promove a vida. A Igreja apresenta sinais concretos da verdade e da vida, sim. Disso falaremos no terceiro passo. Mas agora já convém lembrar que a Igreja ainda não está no céu, mas sim, está neste velho mundo. Por isso, ela sofre as tentações e influências do mesmo. E onde há tentação, também há a possibilidade de cair.

Neste momento, não me é possível fazer uma análise mais ampla e aprofundada. Mas quero apenas mencionar alguns exemplos que indicam como aquela realidade sócio-educacional do velho mundo se manifesta em nosso ser-cristão e no ser-igreja:

**A conduta individual**, muitas vezes, é determinada pela mania do querer ser grande. Por isso há tanta competição entre obreiros. Por isso o ministério pastoral, via de regra, continua dominando sobre o ministério catequético-educativo e sobre o ministério diaconal. Nós pastores, muitas vezes, tratamos outros obreiros como nossos auxiliares ou "quebra-galhos". Isso não é acusação da minha parte, mas lamentação profunda de obreiros catequistas. Em relação à conduta ético-moral, nós adotamos, muitas vezes, os valores de vida que o mundo propaga. O mundo se livrou de tabus que nós cristãos deveríamos ter eliminado há muito tempo. E agora, a sexualidade está numa fase de "inflação galo-

pante". E alguns de nós cristãos imitamos o mundo, considerando isso como a sexualidade cristã de amanhã.

Da mesma forma podemos falar da "inflação da vida matrimonial". Sacrifício, doação e fidelidade no matrimônio são considerados valores de anteontem, hoje já superados. Isso também não é acusação moralista ou legalista da minha parte, mas a lamentação profunda de estudantes da Faculdade de Teologia da IECLB.

Na relação professor-aluno ou estudante, às vezes, se instala a soberba ou rebeldia do velho homem. Com seus conhecimentos acumulados, o professor, às vezes, se impõe e manipula o aluno ou estudante. E esse, por sua vez, em relação ao professor, se considera auto-suficiente e já pronto. Fecha os ouvidos a tudo que possa desafiar ou questioná-lo. Isso não é invenção minha, mas lamentação sincera, expressa por um estudante nosso, numa pregação, proferida num Seminário de Homilética.

**A conduta comunitário-eclesial**, em conseqüência disso, muitas vezes, não é diferente. Lembro como comunidades do centro investem muito dinheiro com construções pomposas, em vez de se desinstalar e irem às periferias, promovendo a missão suburbana. Essa, se é que existe, em muitos casos, é mantida quase exclusivamente com dinheiro do exterior.

Lembro também do sistema de contribuição financeira nos diferentes níveis da Igreja. Por demais ainda impera a velha mentalidade do "eu não pago!" ou "no máximo, pago tanto quanto tu!" Lembro também a regulamentação salarial para obreiros que não considera devidamente as diferentes necessidades. Por uma solidariedade dúbia, ela se adaptou ao sistema do capitalismo selvagem, vigente em nosso país, em vez de se orientar por critérios mais evangélicos.

Páro aqui com a enumeração de exemplos que demonstram como o sistema sócio-educacional brasileiro se reflete também na Igreja. O poder da mentira e da não-vida se instala também em nossa vida cristã e eclesial. Certamente, o leitor poderá acrescentar mais outros exemplos.

De fato, em solidariedade com toda a criação, podemos unir-nos para gemer e lamentar, confessando humildemente o pecado sob a cruz de Cristo e clamando por libertação e transformação.

**Segundo passo:****2 — CONFRONTAR ESSA REALIDADE COM AQUILO QUE DEUS NOS DIZ SOBRE O ASSUNTO, CONSULTANDO ALGUMAS PASSAGENS BÍBLICAS.**

Deus quer vida boa para tudo e todos. A Bíblia, do início ao fim, dá testemunho disso. Deus fala, age, repreende e sofre em função da vida boa. Vejamos alguns exemplos:

**2.1 — Tudo o que Deus fez é bom.**

Através de sua palavra criadora, Deus criou tudo o que existe neste mundo. Criou as pessoas para cuidarem da criação. Deulhes a tarefa de cultivar, guardar, preservar e promover a vida boa para tudo e todos. “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1.31). Conforme o relato de Gn 1, esse era o testemunho conclusivo — motivo de satisfação, descanso e paz para o Criador e as criaturas.

**2.2 — O poder do mal corrompe as pessoas.**

Conhecemos a história da queda do homem (Gn 3). Lembremos apenas alguns aspectos: O poder do mal é simbolizado pela serpente. Importa perceber de que jeito ela consegue corromper as pessoas. Ela apenas fala. Põe em dúvida o que o homem sabe claramente sobre a vontade de Deus. Pergunta: “É **assim** que Deus disse...?” O mal, vira e mexe, e finalmente chega lá. O homem dá ouvidos a esta voz. Assim afasta-se do bom caminho da vida e inicia o caminho da perversão, alienação e corrupção. Sabemos como a história continua. Ela passa por inveja, mania de grandeza, mentira, assassinato — enfim: o homem afastado de Deus torna-se presa nas garras do poder do mal. Os seus valores de vida são pervertidos e, em consequência disso, promove a calamidade e a morte. No primeiro passo desta palestra vimos que formas catastróficas isso assume hoje:

“a mentira é vendida como verdade;  
a injustiça passa por cima do direito;  
a opressão acaba com a liberdade;  
a morte ameaça a vida”<sup>(12)</sup>

---

(12) Cf. **Curso Redescoberta do Evangelho — Vida para todos**. São Leopoldo, 1985, Fascículo 2, p. 3.

### 2.3 — Deus manda anunciar juízo e esperança.

Há pouco afirmamos que Deus quer vida boa para tudo e todos. Por causa disso ele não fica assistindo, de braços cruzados, a tragédia da promoção da morte. Deus chama e envia mensageiros, profetas. Ele os faz perceber as artimanhas do poder do mal e da morte que impede e estraga a vida boa e vende a mentira como verdade. Ele os faz enxergar as multidões aflitas, exaustas e oprimidas. Ele os faz ouvir o clamor por libertação. Ele os envia para denunciarem o pecado que se instala tanto nas pessoas individualmente, quanto em determinados grupos, bem como nas leis e estruturas de todo um povo. Lembro apenas alguns exemplos:

— O profeta Natã desmascara o homicídio e adultério do rei Davi (2 Sm 12.7-9).

— O profeta Amós dirige-se contra as leis de imposto que exploram os pobres e contra as instituições da justiça que se deixam comprar pelos ricos (Am 5.11,12). Por causa disso denomina os cultos como sendo hipócritas (Am 5.21ss.).

— O profeta Miquéias denuncia a safadeza dos poderosos que acumulam para si terras e outras propriedades (Mq 2.1s.). Além disso, denuncia que os sacerdotes ensinam por interesse e os profetas da côrte aconselham por dinheiro (Mq 3.11).

— O profeta Isaías admoesta o governo e o povo, por colocarem sua confiança em exércitos e armamentos (Is 31.1).

Todos os profetas, movidos pelo amor a Deus e às pessoas, chamam ao arrependimento, ao caminho da verdade e da vida. Mas chamam em vão! O povo não escuta a voz de Deus que se faz ouvir através de profetas e até através de calamidades e sofrimentos.

Os profetas já vislumbravam que Deus mesmo teria que vir para erguer o Reino da paz, justiça e verdade. Conhecemos as belas visões de Isaías, Miquéias, Zacarias e outros:

— Contra toda uma realidade de exploração e fome, sonharam com os novos céus e a nova terra onde não se trabalhará em vão, mas se plantará e comerá o seu fruto, **sem** que outros roubem e explorem (Is 65.22 e 23).

— Contra governantes que asseguram seu poder por exércitos, pagos pelo suor do povo, sonharam com a vinda do Rei da paz. Ele eliminará os armamentos e estabelecerá a paz entre as nações (Zc 9.9-10).

— Contra toda uma realidade de corrida armamentista que promove a morte, sonharam com o fato de que Deus mesmo corrigirá as nações. Então, elas transformarão as espadas em relhas de arado e as lanças em podadeiras e não mais se aprenderá a fazer guerra (Mq 4.3). — Apenas sonho???

#### **2.4 — Com a vinda de Jesus o Reino da Vida já irrompeu.**

Ele nasceu pequeno e pobre numa manjedoura, pois o mundo não tinha lugar para ele (Lc 2.7). Ele percorria toda a Galiléia, uma região insignificante da Judéia, pequeno país satélite do grande Império Romano. Lá, nos “confins do mundo”, ele ensinou, pregou e curou (Mt 4.23).

— Já ao anunciar a sua missão de trazer a boa nova aos pobres, de proclamar libertação aos cativos, de restaurar a vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos, todos na sinagoga se encheram de ira e queriam matá-lo (Lc 4.18,28s.).

— Conforme Mt 8.2 e 3, ele curou um doente leproso que não tinha mais nada a esperar por parte das pessoas, a não ser a morte lenta, cruel e solitária. Com esta cura, Jesus dá-nos um sinal de que Deus quer vida boa para todos, principalmente para os mais fracos e marginalizados. Questiona assim o nosso sistema de assistência médica que favorece mais a quem pode pagar.

— Segundo Lc 7.14 e 15, ele ressuscitou o único filho da viúva, social, econômica e religiosamente marginalizada. Ele restituiu à viúva a esperança, o sustento e a proteção nesta vida passageira. Assim, ele questiona também o nosso sistema previdenciário que pouco assiste ao pequeno e fraco.

— Conforme Jo 6.1-15, Jesus multiplicou e repartiu alimento com numerosa multidão faminta. Nisso percebemos que promover vida boa implica em saciar a fome dos famintos e repartir com eles. Desta forma, Jesus questiona a nossa realidade capitalista selvagem, em que alguns “nadam na gordura” e milhões de pessoas catam restos de comida nos depósitos de lixo.

— Segundo Jo 8.1-11, Jesus perdoou a mulher adúltera, que, pela lei político-religiosa, mereceria condenação e morte. Assim Jesus derruba o sistema desumano da justificação por méritos, caprichos e obras.

— Conforme Jo 2.1-12, Jesus transformou água em vinho na festa de casamento. Mostra-nos assim que festa e vinho fazem

parte da vida boa que Deus quer para todos. Isso não pode ser privilégio de alguns ricos. Assim Jesus questiona a nós, comunidade, quando realizamos festas, almoços e jantares dos quais os menos favorecidos não têm chance de participar, pois não podem pagar o cartão de ingresso.

De tal maneira concreta o Reino da Vida irrompeu em nosso mundo.

### **2.5 — O promotor do Reino da Vida é rejeitado.**

Este Reino da Vida provocou e desafiou a todos, principalmente aos que detinham o poder político, econômico e religioso. Consideraram Jesus como subversivo e blasfemador. Quando os soldados vieram prendê-lo, Pedro quis defendê-lo com o poder da espada; mas Jesus o impediu. Dessa forma mostrou que o Reino da Vida e da Paz não se baseia no poderio armamentista. Denuncia assim as ideologias de hoje, com as quais se justifica a corrida armamentista.

Indefeso e fraco, Jesus foi condenado e morto na cruz. À vista humana, o mundo conseguiu eliminar para sempre esse estranho revolucionário que questionava a todos e a ordem vigente.

### **2.6 — A vitória da Vida sobre a morte.**

Deus, no entanto, não permitiu que a Vida permanecesse nas garras da morte. Ele ressuscitou Jesus dentre os mortos. Venceu o poder da morte. Com isso, Deus mesmo confirmou o Reino da Verdade e da Vida. Desmascarou as artimanhas do reino da mentira e da morte. Jesus Cristo vive e reina. Seu Reino está oculto aos olhos dos que não crêem nele. Mas ele voltará em majestade e glória. Então, eliminará definitivamente o último inimigo da Vida, eliminará definitivamente a morte com todas as suas manifestações (1 Co 15.26). Então, todos o reconhecerão. Então, todo o joelho dobrar-se-á diante dele (Fp 2.10-11). Então, Deus será tudo em todos (1 Co 15.28).

### **2.7 — A esperança na definitiva vitória da Vida determina o nosso caminhar.**

Esta esperança não nos acomoda, nem nos deixa ficar de braços cruzados diante de uma realidade sócio-educacional que promove a morte. Não, por causa das "misericórdias de Deus" não

nos conformamos com este século (Rm 12.1,2). Por causa da esperança na vitória do Reino da Verdade e da Vida somos determinados, hoje já, em nosso ver, pensar, julgar, falar e agir. Vejamos como Sílvio Meincke descreve, de maneira bela e poética, este mistério da "Alvorada do Reino da Vida":

"O crepúsculo da madrugada anuncia o novo dia. É alvorecida. Ainda não é dia, mas todos já vivem o espírito de um novo dia. Os pássaros cantam, o lenhador afia o seu machado, a mãe prepara a merenda para os filhos. O sol ainda se oculta no horizonte, mas todos já contam com a sua luz. Ninguém mais se volta para a escuridão da noite, porque ela será vencida pela luz do dia. Todos olham para frente, para o dia que já vem. Confiando na vinda do novo dia, todos colocam sinais antecipados do que está para vir: os pássaros cantam, o lenhador afia o machado, a mãe prepara a merenda"(13).

No terceiro e último passo desta palestra queremos vislumbrar alguns destes sinais da nova educação que é comprometida com a Verdade e a Vida. Convém lembrar, mais uma vez, que se trata de **sinais** que apontam para o novo. Mas eles, por si só, ainda não são idênticos com o novo. São oriundos dele, isto sim, e apontam para ele. Lutero nos lembra que somos justificados e simultaneamente pecadores. Por isso, esses sinais ainda são marcados pela fragilidade e transitoriedade. Ainda não estamos no céu, na eternidade. Mas ela já nos impulsiona e determina enquanto peregrinamos nesta vida passageira. A esperança pelo Reino da Vida e da Verdade nos faz agir e lutar destemidamente com vistas à colocação de sinais concretos do novo em meio ao velho.

### **Terceiro passo:**

#### **3 — VISLUMBRAR ALGUMAS PISTAS DE AÇÃO, PARA QUE SURJAM SINAIS CONCRETOS DE UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A VERDADE E A VIDA.**

##### **3.1 — Todos os ministérios eclesiásticos comprometidos com o mesmo objetivo básico.**

Vimos que Jesus resume sua missão no promover vida boa para todos, principalmente para os mais fracos e marginalizados.

(13) Cf. Sílvio Meincke. Sonhar a esperança dos irmãos. In: **Revista do CEM**, Ano VI, n.2, São Leopoldo, 1983, p. 15.

Por isso, só pode ser essa a missão da Igreja, da comunidade que é o Corpo de Cristo. A missão cabe à comunidade como um todo e não apenas a alguns especialistas, como professor evangélico, catequista, diácono, assistente comunitária ou pastor. Todos esses ministérios visam ao mesmo objetivo básico. Porém, cada um deles tem qualificações e tarefas específicas. Vejamos o corpo humano: ele tem muitas partes com qualificações e funções específicas. Cada uma delas, no seu devido lugar, exerce sua função específica. Assim, todos em conjunto, se complementam mutuamente e fazem funcionar o corpo de maneira harmoniosa.

Isso sabemos na teoria. Porém, na prática, acontece que nós pastores temos muita dificuldade em nos deixar assessorar por um catequista ou professor. Urge que, como Igreja, definamos, com mais clareza, os diferentes ministérios e os valorizemos devidamente. Por exemplo, em termos de tarefas pedagógicas ou catequéticas eu, como pastor, não sou devidamente preparado. No entanto, o professor ou o catequista está melhor preparado do que eu. Nós pastores e as comunidades temos que levar a sério este fato e valorizar e envolver estes obreiros. Queira Deus que isso aconteça mais e mais, primeiramente aqui na EST da qual o Instituto de Educação Cristã (IEC) faz parte!

## **2 — Todos "os ministérios específicos devem estar a serviço de Deus e orientar a comunidade no cumprimento de sua tarefa"<sup>(14)</sup>.**

Conforme o testemunho bíblico, a função dos ministros não é dominar ou manipular, mas é **servir**. Em Ef 4.12, os ministros são exortados a servirem "com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo". Portanto, cada ministério eclesial é desafiado a investir na formação e no acompanhamento de leigos, para que esses reconheçam e assumam o seu serviço a Deus na família, na comunidade e na sociedade. Pois, importa que os cristãos liguem a sua fé com a realidade concreta do dia-a-dia, nos afazeres em casa, na profissão, na escola e na política. Assim se concretiza o culto a Deus no mundo, o "culto racional" (Rm 12.1). Assim a comunidade vivencia o Batismo no dia-a-dia.

Sabemos quantas dificuldades ainda temos nesse sentido. A simples existência de movimentos, como o evangelical e o sócio-

---

(14) Cf. In: **Nossa Fé — Nossa Vida**. São Leopoldo, 1981, p. 12.

político, já aponta para esse fato. A nossa Igreja está à procura de uma espiritualidade que simultaneamente escuta a Deus e ao clamor do mundo. Na prática, nós ministros não conseguimos ligar devidamente as duas coisas. Conseqüentemente, a caminhada está sendo prejudicada. Lembro da ilustração, dada no início dessa reflexão, segundo a qual estamos pulando numa perna só. Por isso, nosso trabalho diacônico — catequético — educativo — pastoral, enfim, nossa missão não deslança, não vai para frente.

O que fazer?... A Bíblia indica-nos algumas pistas muito importantes que descobri ao consultar a chave bíblica sob as palavras 'ensinar, ensino, educar, educação'. Quero compartilhar alguns aspectos que me desafiaram.

### **3.3 — Deus mesmo nos deve ensinar o caminho correto.**

Esta é uma constatação que perpassa quase toda a Bíblia. Lembro p. ex. Sl 86.11: "Ensina-me, Senhor o teu caminho, e andarei na tua vontade". Lembro de Moisés que se sentiu incapaz de abraçar a missão de Deus. Conforme Êx 4.12, Deus lhe diz; "Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que há de falar". Deus não deixa os seus na mão! Isso vemos também em Mt 10.19, onde Jesus assegura aos seus: "... naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer". Mais ainda: o Ressurreto está aí. Através do "Espírito da Verdade" (Jo 15.26), "o Consolador", ele nos quer conceder sabedoria para o discernimento entre mentira e verdade. Quer conceder-nos coragem para anunciar a vontade de Deus. Quer dar-nos autoridade para denunciar o pecado que se instala em pessoas individualmente e em leis e estruturas da igreja e da sociedade. Esta autoridade não conseguimos, através de quaisquer diplomas, mas pelo constante escutar a Deus e pelo constante escutar ao clamor do mundo.

Deste duplo comprometimento resulta uma determinada **postura do educador:**

### **3.4 — O bom educador não se considera pronto.**

Em Corinto havia cristãos que já se consideravam definitivamente salvos e prontos (1 Co 4.8-10). O apóstolo Paulo passou muito trabalho com eles — a ponto de chorar por causa da cegueira, surdez e inércia que haviam tomado conta deles. De fato, nada é pior do que uma pessoa pronta e farta; ela não mais sabe escutar, nem a Deus nem ao próximo; ela está cheia. Afirma Rubem Alves:

“A coisa mais terrível é uma pessoa cheia. Pessoa cheia é aquela que sabe tudo. Professor tem muita tendência de ser cheio. E quem é cheio, enche. Pastor, então...sabe tudo... Os filhos dos cheios chegam a rezar para que os pais errem uma vez para que possam amá-los”(15).

### 3.5 — O bom educador está ciente do seu ser-aprendiz

O apóstolo Paulo afirma em Fp 3.12: “Não que eu o tenha já recebido, ou já tenha obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus.” Esta é a humilde consciência do famoso educador, teólogo e missionário do NT. Ele se sabe a caminho.

Martim Lutero critica duramente aqueles que se dizem “formados” na educação e “prontos” na fé, como se pudessem prescindir de uma aprendizagem constante. Em relação a si mesmo, Lutero confessa: “Sou um doutor e um pregador, na verdade bem sábio e experimentado; mesmo assim, porto-me como uma criança que aprende o catecismo, lê e recita palavra por palavra. Além disto, tenho que ler e estudar diariamente; mas mesmo assim não me posso manter, mesmo que o queira, senão como criança e aluno”(16).

Eis o desafio para nós professores e demais ministros eclesiais, alunos e membros de comunidade: o desafio de não nos considerarmos prontos. Parece-me necessário que o próprio Espírito Santo nos toque, destruindo nosso falso orgulho!

### 3.6 — O bom educador adota uma dinâmica dialogal e facilitadora.

Dos muitos exemplos bíblicos, que fundamentam esta postura, menciono apenas um: Jesus dialogou com a mulher de Samaria. Dialogando facilitou que ela reconhecesse e confessasse seu pecado de adultério. Conduziu o diálogo de tal forma que a mulher chegasse a perguntar ou, quem sabe, chegasse a confessar: “Será este, porventura, o Cristo?!” (Jo 4.29). Nesse episódio

---

(15) Rubem Alves. O saber é importante — Amor é a grande questão. In: **Verdade, Participação e Compromisso**. Jornal sobre o 1º Congresso Evangélico de Professores. Joinville, 1984, p. 10.

(16) Cf. **Redescoberta do Evangelho — Curso por Correspondência**. São Leopoldo, 1983, Fascículo 5, p. 3.

está contido um profundo desafio para nós professores e pregadores que lidamos com a homilética e a poimênica. Trata-se de descer até às profundezas da existência humana, marcada por pecado. Esse impede e mata a vida boa. Por isso não pode ser ignorado ou bagatelizado. Através de uma postura dialogal e facilitadora, deve brotar o reconhecimento e a confissão de pecado. Isso leva ao reconhecimento do Cristo ou, pelo menos, leva a perguntar por ele. Esse desafio deve nortear todo o nosso “ensinar, pregar e curar”.

### **3.7 — O bom educador se caracteriza pela humildade e autoridade para denunciar.**

Já vimos que a autoridade resulta do escutar a Deus e do escutar ao clamor do mundo. Vimos que profetas denunciaram tudo e todos que promoviam a mentira, injustiça, exploração e morte, tanto a nível individual, quanto a nível eclesiástico, bem como a nível sócio-plítico. Denunciavam, p. ex. o adultério, o assassinato, a falsa profecia, os cultos alienados da prática de justiça, a violação e o ajeitamento das leis em benefício próprio. Vimos que o próprio Jesus também denunciou esses pecados. Nós, como Igreja, ainda temos muita dificuldade com isso. Parece que a nós falta a liberdade, a autoridade e a humildade para tal. Em 2 Co 5.20, o apóstolo Paulo afirma que somos “embaixadores de Cristo”. A figura do embaixador (ou arauto) talvez nos possa ajudar. Pois, o embaixador, ou arauto, está comprometido, acima de tudo, com a mensagem recebida do rei. Esta mensagem ele deve anunciar. A Timóteo, colaborador do apóstolo Paulo, é dito: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.2).

Porém, cuidado com os profetas dúbios que andam por aí e que pregam lei e condenação de cima para baixo. Para mim, como educador e pregador, importa permitir que a mensagem atinja a mim mesmo, em primeiro lugar. Pois, o Evangelho questiona a todos nós, enquanto vivemos nesta terra. Quando o Evangelho me questiona e derruba durante o preparo da prédica, terei também depois, ao pregar, a humildade necessária para denunciar com coragem e autoridade. Estarei ciente de que esse tipo de ensino ou pregação questionador objetiva libertação, mudança e transformação. Somente assim surgirão sinais concretos de nova vida, sinais da educação comprometida com a Verdade e a Vida.

Vimos que isso tem a ver com transformação individual e social. Por causa disso é indispensável aproveitar sabida e responsabilmente os meios e recursos que estão a nossa disposição. Por isso, p. ex., motivamos cristãos para assumirem a sua responsabilidade política e a serem fermento em sindicatos e partidos. Dessa forma unidos, podemos lutar, p.ex., pela Reforma Agrária, por salários condignos, por uma política educacional que promove Vida e Verdade. Por isso, motivamos os cristãos de todo o mundo, a fim de que se unam na luta contra as armas de morte. Pois não precisamos de brinquedos de guerra, nem de exércitos modernizados. Mas, para os nossos filhos, necessitamos de brinquedos que favoreçam a criatividade, a união e reconciliação. Necessitamos de empregos, alimentos, hospitais, escolas de 1º grau para as multidões aflitas e exaustas. Enfim, necessitamos de mais vida e mais verdade!

#### **4 — À GUIA DE CONCLUSÃO**

Finalizando, lembremo-nos de que esse tipo de educação, comprometido com a Verdade e a Vida, sempre provoca reação.

Há sinais de aceitação, sim. A Bíblia também os apresenta: lembro apenas de Zaqueu que foi liberto do 'eu' para o 'tu' e começou a repartir os seus bens com os pobres (Lc 19.1-10).

Sinais de aceitação do bom ensino existem também hoje: lembro o crescente envolvimento de leigos; o Curso Redescoberta do Evangelho "Vida para Todos", no qual mais de 20.000 pessoas estão participando; lembro tentativas de ensaio de uma educação e pastoral urbana, sub-urbana e rural; lembro o trabalho de Centros de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor; também lembro a pequena escola evangélica e a pequena paróquia do interior que, ligando fé e vida, procuram caminhar juntas e lutar pela sobrevivência.

Tais pequenos sinais nos servem de alento. Mas não nos iludamos! Se nossa esperança estiver baseada somente nesses sinais, frustrar-nos-emos. Pois bem mais normal é a realidade de rejeição do bom ensino. Lembro os profetas perseguidos e mortos; lembro a crucificação de Jesus, a perseguição dos primeiros cristãos. Lembro de Lutero que foi excomungado pela Igreja; de Bonhoeffer que foi morto na prisão; de Paulo Freire que foi exilado; de padres, freiras e pastores que foram presos.

Parace que a história da Igreja confirma a verdade que Jesus expressou na parábola do semeador: três partes da boa semente foram pisadas, esmagadas ou sufocadas de forma que não vingaram. Apenas a quarta parte cresceu e deu bons frutos. Esta parábola não nos quer desanimar. Pelo contrário, nos quer preservar da ilusão e, ao mesmo tempo, quer nos dar coragem e perseverança na luta por uma educação comprometida com a Verdade e a Vida. Pois a última parte da semente do bom ensino certamente vingará!

Vimos que a morte, com todas as suas manifestações, será definitivamente eliminada. A Vida e a Verdade terão a última palavra. O Cristo ressurreto, por cuja segunda e definitiva vinda esperamos, o garante. Por isso oramos: "Venha o teu Reino!"

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. O saber é importante — Amor é a grande questão. In: **Verdade, Participação e Compromisso**. Jornal sobre o 1º Congresso Evangélico de Professores. Joinville, 1984, p. 10-11.
- FLECK, D. Crise na Educação — Por quê? In: **Revista do Centro de Elaboração de Material — IECLB**. Ano VII, n.2, São Leopoldo, 1985, p. 8-11.
- GUARESCHI, P. A. Educação e indústria cultural a serviço do poder. In: **Revista do Centro de Elaboração de Material — IECLB**. Ano VII, n.2, São Leopoldo, 1985, p. 12-18.
- MEINCKE, S. Sonhar a esperança dos irmãos. In: **Revista do Centro de Elaboração de Material - IECLB**. Ano VI, n.2; São Leopoldo, 1984, p. 12-19.
- MORAES, P. A. C. O Funil do Ensino Formal. In: **Boletim da Visão Mundial**. Ano IV, n.2; Belo Horizonte, abril 1984. Revista ISTO É, de 14/9/1983, p. 36ss.
- SOUZA, H. **Nordeste: Seca, Fome, Miséria**. Estudo realizado no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas — IBASE (polígrafo). Rio de Janeiro, 17/4/1984, p. 1-21.

VÁRIOS autores. **Redescoberta do Evangelho — Curso por Correspondência**; promovido pela RE IV da IECLB. Fascículo 5: O Evangelho é ensinado. São Leopoldo, 1983, p. 1-5.

VÁRIOS autores. **Curso Redescoberta do Evangelho — Vida para todos**; promovido pela IECLB. Fascículo 2: Pelas mãos das pessoas. São Leopoldo, 1985, p. 1-12.

VÁRIOS autores. **Nossa Fé — Nossa Vida**; um guia de vida comunitária em fé e ação. 6.ed. atualizada; São Leopoldo, 1981, p. 11-14.

WANGEN, R. **Jejum do Natal — 1983**. Folheto avulso.